

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e  
Sociedade (CPDA)



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a  
agricultura**

**Área Temática: Agro-Bioenergia  
Período de Análise: 01/09/2012 a 30/09/2012**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico  
Jornal Folha de São Paulo  
Jornal O Globo  
Jornal Estado de São Paulo  
Sítio eletrônico do MDS  
Sítio eletrônico do MDA  
Sítio Eletrônico do MMA  
Sítio eletrônico do INCRA  
Sítio eletrônico da CONAB  
Sítio eletrônico do MAPA  
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior  
Sítio Eletrônico da Fetraf  
Sítio Eletrônico da MST  
Sítio Eletrônico da Contag  
Sítio Eletrônico da CNA  
Sítio Eletrônico da CPT

## **Índice**

### **AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL**

#### **Etanol**

Fundo traça, no Piauí, projeto de R\$ 1,5 bilhão. Fabiana Batista – Valor Econômico. 11/09/2012 .....3

Exportação ameniza queda do consumo de etanol. Fabiana Batista – Valor Econômico. 12/09/2012.....4

ETH anuncia convênio de R\$ 20 milhões com a Fapesp – Valor Econômico. 20/09/2012 .....6

Mais cana no Centro-Sul do país em 2013/14. Fabiana Batista – Valor Econômico. 27/09/2012....7

#### **Biodiesel**

Produtor de celulose cresce em geração. Stella Fontes – Valor Econômico. 11/09/2012 .....8

### **POLÍTICA NACIONAL**

#### **Etanol**

A política de combustíveis e o mercado do açúcar – O Estado de São Paulo. 21/09/2012 ..... 10

#### **Biodiesel**

Ministro participa da inauguração da fábrica Palmaplan. Site do MDA. 06/09/2012 ..... 11

MDA publica portaria com novas regras do Selo Combustível Social. Site do MDA. 10/09/2012 12

Programa de biodiesel beneficia mais de 105 mil famílias. Site do MDA. 14/09/2012..... 13

### **RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

#### **Etanol**

Pesquisadores da Embrapa Agroenergia viajam à Austrália – Site do MAPA. 09/09/2012 ..... 14

Petróleo caro "blinda" uso de etanol de milho nos EUA. Fabiana Batista – Valor Econômico. 18/09/2012 ..... 15

Exportação de etanol ao Caribe define-se. Fabiana Batista – Valor Econômico. 26/09/2012 ..... 16

## **AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL**

### **Etanol**

**Fundo traça, no Piauí, projeto de R\$ 1,5 bilhão. Fabiana Batista – Valor Econômico. 11/09/2012**

*"A irrigação elevará a produtividade da cana, do tomate, e do cacau, o que reduzirá nosso custo", diz Christodoulou*

Após anos avaliando o mercado de energia renovável do Brasil, o fundo de private equity Gordian Bioenergy decidiu que a melhor receita para maximizar ganhos e diluir riscos é aliar a produção de bioenergia à de alimentos. Assim, deu uma guinada no seu objetivo inicial e decidiu apostar R\$ 1,5 bilhão em um projeto integrado - agrícola e industrial - para produzir açúcar, etanol, eletricidade, amêndoa de cacau e pasta de tomate. Entre 30% a 40% desses recursos virão de capital próprio e o restante, de financiamentos.

O endereço da empreitada é o oeste do Piauí, mais especificamente os municípios de Guadalupe, Floriano, Jerumenha e Marcos Parente. Áreas que somam 35 mil hectares foram adquiridas pela Terracal Alimentos e Bioenergia, empresa criada pelo fundo para desenvolver o projeto.

As áreas serão 100% irrigadas e nelas serão cultivadas 3 mil hectares de cacau, 27,36 mil hectares de cana-de-açúcar e 4,773 mil hectares de tomate, este último em consórcio com a cana - assim como em São Paulo se faz com o amendoim e a soja, compara o presidente do Gordian e idealizador do projeto, o investidor de origem grega, Diomedes Christodoulou.

A uma distância média de 12 quilômetros das áreas agrícolas da Terracal, será implantado o complexo industrial, com 350 hectares e três plantas de beneficiamento e armazéns. Uma delas, para moer 3,4 milhões de toneladas de cana por safra. A outra, para processar 525 mil toneladas de tomate por ano. E a terceira, para beneficiar cacau e produzir 10,5 mil toneladas de amêndoa anuais.

Christodoulou conta que morou por 16 anos no Brasil, onde atuou, como consultor e executivo de empresas da área de energia (foi CEO da Enron na América do Sul). Fundou há seis anos o Gordian Bioenergy que, atualmente, segundo ele, gerencia uma carteira de R\$ 500 milhões captados com investidores vindos de fundos de pensão.

Participou de inúmeras negociações, entre elas para compra de usinas de etanol, mas percebeu que a melhor alternativa era construir o próprio projeto.



"Contratamos consultorias para estudar a viabilidade econômica - e agrônômica - de diversos produtos agrícolas. Decidimos por cana, cacau e tomate por serem itens de elevado valor agregado. Além disso, neles o Brasil é competitivo", explica o presidente do fundo.

Para presidir a Terracal, ele trouxe o executivo Ricardo Moura, que dirigiu usinas sucroalcooleiras de Goiás e do Nordeste, entre elas as do grupo João Lyra, de Maceió.

Até o fim de 2013, a Terracal quer encerrar a fase de desenvolvimento do projeto, inclusive com contratos de venda de energia elétrica, para buscar linhas de crédito de longo prazo para o projeto. Neste momento, nas áreas piauienses, está sendo feita seleção de variedades de cana, tomate e cacau. O cronograma da empresa é iniciar o plantio em escala comercial no fim de 2013 e o projeto industrial, em 2014. "Estimamos começar a operação entre o fim de 2016 e o início de 2017".

O etanol (anidro e hidratado) terá como foco o mercado do Piauí e das regiões Norte e Nordeste. "Somente o Piauí importa dois terços do etanol que consome". A venda do açúcar (bruto e cristal) será uma combinação de mercado interno e externo. Por conta da proximidade entre as áreas agrícola e industrial, a Terracal conseguirá, segundo previsto no projeto, usar a palha da cana, além do bagaço, para produzir eletricidade.

Em torno de 35% da energia vai abastecer todo o complexo industrial e o restante, será vendido. "A palha vai representar até um terço da energia cogenerada", calcula. Ele acrescenta que, ao todo, serão produzidos 1,091 mil gigawatts hora/ano, o equivalente à metade da energia usada no Piauí em 2010.

A amêndoa de cacau atenderá a demanda das indústrias da Bahia, que precisam importar parte da matéria-prima que usam. A pasta de tomate terá como alvo o mercado externo, hoje dominado pelas exportações da Itália e da China. "O custo chinês está subindo. Temos condição de ser competitivos com esse projeto", avalia. O plantio e a colheita de tomate e cana serão mecanizados. A colheita de cacau, manual.

---

**Exportação ameniza queda do consumo de etanol. Fabiana Batista – Valor Econômico. 12/09/2012**

Para compensar a menor demanda por etanol no mercado interno, as usinas de cana do país devem embarcar um volume maior do produto. A estimativa da SCA Trading, uma das maiores comercializadoras de etanol do país, é que já há contratos fechados para o embarque de 2,5 bilhões de litros do biocombustível até o fim desta safra, em março do ano que vem. Se confirmado, o volume será 31% maior do que os 1,88 bilhão de litros realizados em 2011/12.

Segundo dados compilados pelo Ministério da Agricultura, entre abril e agosto deste ano, o país embarcou 1,076 bilhão de litros de etanol ao exterior, 40% acima dos 766,95 milhões de litros exportados no mesmo intervalo de 2011. Segundo o diretor da SCA Trading, Martinho Seiiti Ono, é preciso considerar que no ciclo passado, a exportação líquida foi de 600 milhões de litros, pois o país importou 1,3 bilhão de litros. Mas para essa temporada em curso, a exportação líquida será bem maior, e deve atingir 2,3 bilhões de litros, pois as importações do etanol devem se resumir a 200 milhões de litros.

### Cana-de-Açúcar

Principais números da safra 2012/13 no Centro-Sul até



De acordo com especialistas, os preços pagos pelo mercado americano chegaram a ser mais de 10% superiores do que os do mercado interno. Mas, neste momento, esse valor praticamente empata com o pago internamente.

Os embarques maiores devem amenizar a menor demanda por etanol no mercado brasileiro, estimada em cerca de 3 bilhões a 3,3 bilhões de litros no ano-safra atual. O menor uso de etanol é resultado da redução de 25% para 20% na mistura do anidro na gasolina, que reduziu a demanda em cerca de 1,5 bilhão de litros, e do menor uso de hidratado, que deve redundar num consumo de 1,8 bilhão a 2 bilhões de litros menor.

Somente entre abril e julho de 2012, a venda de hidratado atingiu 3,031 bilhões de litros no país, 13,5% abaixo do realizado no mesmo intervalo de 2011, segundo a Agência Nacional de Petróleo (ANP). A agência reguladora ainda não divulgou seus números para agosto, mas segundo o Sindicom, que representa as distribuidoras de combustíveis, o saldo ainda é de queda em relação a agosto de 2011 - de 13,5%, para 586 milhões de litros - mas já há alguma recuperação em relação a julho deste ano - aumento de 11,6%. Os dados refletem as vendas das associadas do Sindicom, que representam 60% do mercado do biocombustível.

De acordo com a estimativa do sindicato, o consumo de etanol em 2012 deve ser próximo de 9 bilhões de litros, em torno de 1,8 bilhão de litros menor do que o realizado no ano civil 2011.

Ontem, a União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) divulgou que a produção de etanol foi 10% maior na segunda quinzena de agosto e 14% menor no acumulado da safra. O clima, no entanto, segue favorável à colheita.

---

## **ETH anuncia convênio de R\$ 20 milhões com a Fapesp – Valor Econômico. 20/09/2012**

*"O orçamento anual da ETH para pesquisa e desenvolvimento deve subir para níveis de R\$ 50 milhões em dois anos", diz Calmanovici, diretor da companhia*

A ETH Bioenergia, empresa sucroalcooleira do grupo Odebrecht, firmou com a Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) convênio para destinar até R\$ 20 milhões para pesquisas voltadas a melhorar a produtividade agrícola e industrial da cana-de-açúcar, assim como agregar valor à biomassa dessa matéria-prima. Nessa primeira fase, foram ofertados R\$ 10 milhões e selecionados 11 projetos de instituições de pesquisa do Estado.

Essas pesquisas representam uma parte entre todos os projetos que vêm sendo desenvolvidos pelo departamento de Inovação e Tecnologia da ETH, criado há dois anos. O orçamento anual dessa área, até agora na casa dos R\$ 5 milhões, deve alcançar nos próximos 24 meses R\$ 50 milhões anuais, estabilizando-se nesse patamar, segundo o diretor de Inovação da ETH, Carlos Eduardo Calmanovici. "Há um grande foco na área agrícola, em ganho de competitividade na biomassa da cana. Também na busca de excelência operacional", resume o executivo.

Além dos projetos em parceria com a Fapesp e de programas próprios de pesquisa, a ETH teve cinco projetos selecionados no programa PAISS, liderado pelo BNDES e pela Finep para financiar projetos de inovação a partir do uso da biomassa da cana. Conforme Calmanovici, os detalhes dos projetos e os acordos de parcerias estão sendo costurados e, portanto, não podem ser divulgados neste momento. Ele apenas informa que a maior parte dos planos de negócios contemplam o desenvolvimento de tecnologias para o etanol celulósico.

Das demandas totais da ETH no PAISS, cerca de R\$ 60 milhões se referem a projetos da área de pesquisa e desenvolvimento. Há ainda, segundo ele, projetos industriais no programa que significarão aportes mais robustos de recursos, no entanto, ainda não dimensionados com precisão.

Dentro do convênio entre ETH e Fapesp, os recursos serão divididos em 50% para cada parte. Conforme o diretor científico da Fapesp, Carlos Henrique de Brito Cruz, entre os temas dos projetos selecionados estão o genoma da cana, resistência a estresse hídrico, aumento da produtividade e uso de resíduos. Do total de onze selecionados, sete são da área agrícola, e quatro da industrial.

Com sete usinas de cana no Centro-Sul do Brasil, a ETH Bioenergia deve processar no ciclo 2012/13 em torno de 20 milhões de toneladas de cana, produzir 578 mil toneladas de açúcar e cogeração 1,297 gigawatts/hora de energia. Criada para ser a maior produtora de etanol do país, a companhia deve fabricar neste ciclo cerca de 1,4 bilhão de litros do biocombustível.

Desde que foi criada, em 2007, a ETH investiu mais de R\$ 8 bilhões para implantar suas nove usinas de cana. Na safra encerrada em 31 de março, a empresa registrou receita líquida de R\$ 1,45 bilhão e amargou prejuízo de R\$ R\$ 793,05 milhões.

---

### **Mais cana no Centro-Sul do país em 2013/14. Fabiana Batista – Valor Econômico. 27/09/2012**

Com as condições já praticamente definidas para a safra em curso (2012/13) no Centro-Sul do Brasil, executivos e proprietários de usinas sucroalcooleiras direcionam suas expectativas para o que vai acontecer com a oferta de cana no ano que vem. Após um forte programa de investimentos em renovação e ampliação de canaviais, da ordem de US\$ 3,4 bilhões no último ano, o consenso é que haverá em 2013 pelo menos 8% mais matéria-prima disponível para ser processada do que na atual temporada.

Maior comercializadora de açúcar e etanol do país, com market share de 24% no Centro-Sul, a Copersucar estima que a moagem de cana em 2013/14 na região pode atingir 580 milhões de toneladas, apesar de também considerar um cenário de 570 milhões. Se confirmado, o processamento será maior que o da safra recorde de 2010/11, quando as usinas da região moeram 556 milhões de toneladas. Segundo a companhia, cujo faturamento deve alcançar neste ciclo 2012/13 US\$ 7,5 bilhões, a produção de açúcar deve ficar em 33 milhões de toneladas, e a de etanol, de 26 bilhões de litros.

"Em termos de preços, a maior produção de açúcar no Brasil não significa uma boa notícia", diz o CEO da Copersucar, Paulo Roberto de Souza. Isso porque, continua ele, o superávit mundial da commodity seguirá alto no próximo ano, no patamar de 5 milhões de toneladas. Por outro lado, afirma ele, o mercado climático pode ainda trazer boas surpresas aos produtores do Brasil, principalmente na Índia. Neste ciclo mundial 2011/12, a estimativa de produção de açúcar no país asiático já recuou de 25 milhões para 23,5 milhões de toneladas, segundo estimativas da Copersucar. "Para o ano que vem, não deve passar de 24 milhões. É daí para baixo", aposta Souza.

Apesar de ponderar que ainda é cedo para projetar o próximo ano - pois há ainda as chuvas de verão que serão decisivas no desempenho da cana - o vice-presidente de Açúcar e Etanol da Raízen (Cosan/Shell), Pedro Mizutani, acredita que há potencial para uma moagem entre 560 milhões e 580 milhões de toneladas no ano que vem. A Raízen, segundo ele, deve acompanhar o mesmo nível de avanço da região.

Algumas consultorias não creem que a safra possa sequer atingir 560 milhões. Mesmo se o clima for favorável, diz o diretor da consultoria Canaplan, Luiz Carlos Corrêa Carvalho, a moagem em 2013/14 não deve ultrapassar 550 milhões de toneladas. "Além do mais, ainda está cedo", afirma Carvalho.

O número de 560 milhões de toneladas também é aposta da trading Sucden para a safra 2013/14, segundo o diretor da empresa no Brasil, Jeremy Austin. "Se o clima for bom também no verão de 2013, entre janeiro e março, a moagem pode atingir 560 milhões de toneladas, ", afirma o executivo. Para este ciclo em curso, o 2012/13, a projeção da Sucden é de moagem de 514 milhões de toneladas e cana no Centro-Sul.

Os especialistas que acreditam em um crescimento mais moderado para a safra do próximo ano para até 560 milhões de toneladas ponderam também que muitas usinas

deixaram de operar, tanto no ano passado como neste. Segundo levantamento da Copersucar, até junho deste ano 14 usinas do país interromperam as operações. No ano passado, outras 16 plantas fecharam as portas. Há também, poucos investimentos novos acontecendo para os próximos anos. A projeção da comercializadora é a de que até 2015, apenas quatro novas usinas de cana devem ser construídas.

---

## **Biodiesel**

### **Produtor de celulose cresce em geração. Stella Fontes – Valor Econômico. 11/09/2012**

*Ernesto Pousada, diretor de operações da Suzano: receita com venda de energia deve alcançar R\$ 80 milhões por ano*

A indústria brasileira de celulose e papel poderá obter receitas relevantes com a venda de energia e se consagrar no topo da lista dos grandes autoprodutores caso o limite para a comercialização do insumo subsidiado, hoje de 30 MW por empresa, seja ampliado. Maior produtora mundial de celulose branqueada de eucalipto e a caminho da autossuficiência energética, a indústria nacional gerou no ano passado, segundo dados estimados pela Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel (ABTCP), 9,7 milhões de megawatts-hora (MWh), o equivalente a 10,5% da energia produzida no mesmo período em Itaipu e a 52% do consumo energético do setor. Desse total, 17% poderiam ser vendidos não fosse a regulamentação atual.

A tendência é a de que o excedente de energia gerada pela indústria, e disponível para venda, seja cada vez maior, diante das novas tecnologias de produção da celulose. Um estudo desenvolvido pela finlandesa Pöyry, uma das maiores prestadoras de serviços de engenharia para a indústria mundial, mostra que uma fábrica moderna pode gerar, sozinha, até 270 megawatts (MW) de energia, equivalentes a 6% da energia média anual que será gerada em Belo Monte. E, até o fim da década, pelo menos oito novas unidades fabris poderão ser implantadas no país.

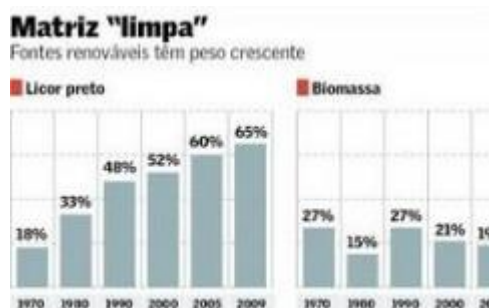
O levantamento da Pöyry considera uma linha com capacidade de produção de 1,5 milhão de toneladas anuais, como as que estão sendo implantadas pela Eldorado Celulose e Papel no município de Três Lagoas (MS) e pela Suzano Papel e Celulose em Imperatriz (MA). A Klabin, que estuda a construção de uma fábrica voltada à produção de três tipos de celulose com essa mesma capacidade, avalia que vai triplicar a produção de energia caso o projeto saia do papel, com a adição de 260 MW médios. A Cenibra, que avalia dobrar a capacidade produção da fábrica de Belo Oriente (MG), também trabalha com a geração de energia excedente a partir da execução do projeto.

O estudo ainda corrobora a tese de que a venda de energia poderá se converter em importante fonte de receitas para a indústria, como já ocorre em países europeus. Em Portugal, por exemplo, 20% das receitas do setor de celulose e papel é proveniente da comercialização de energia. A própria Suzano, de acordo com o diretor executivo de Operações Ernesto Pousada, estima em R\$ 80 milhões ao ano as receitas oriundas da venda de 100 MW de energia excedente que será gerada na fábrica maranhense.

De acordo com o vice-presidente da Pöyry Tecnologia, Carlos Alberto Farinha e Silva, do total de energia que poderá ser gerada pelas novas fábricas, estima-se que menos da



metade, ou 108 MW, será usada pela própria indústria. "As novas linhas de produção de celulose permitem economia de escala e, equipadas com caldeiras maiores, oferecem a possibilidade de geração de energia mais econômica", explica.



Considerando-se o consumo de energia estimado no levantamento, cada fábrica de 1,5 milhão de toneladas de celulose teria disponível para venda cerca de 160 MW de energia, o suficiente para atender um município com 2,6 milhões de habitantes. Pelas regras atuais, contudo, a venda dessa energia não é viável do ponto de vista comercial porque deixam de ser aplicáveis dois importantes incentivos: a redução de encargos setoriais e o desconto de 50% na distribuição dessa energia, o chamado desconto "no fio", válidos quando observado o limite de 30 MW.

Com vistas a ampliar esse teto, o estudo da Pöyry foi levado ao conselho setorial de papel e celulose do programa Brasil Maior e a expectativa é a de que alguma novidade possa ser anunciada em breve pelo governo. "Hoje não há regulamentação para o uso da energia que excede 30 MW em outros setores", ressalta Viviane Nunes, que participou da coordenação geral do Guia Técnico de Eficiência Energética lançado no ano passado pela ABTCP. Garantia de preço firme ou extensão dos descontos para o excedente comercializado estão entre as propostas da indústria.

Na Fibria, a venda de energia é realidade - nas unidades Aracruz (ES) e Três Lagoas (MS), o excedente combinado é de 30 MW, ou 8% da produção total da empresa. De acordo com o gerente-geral de Meio Ambiente Industrial da companhia, Umberto Cinque, esse número já poderia ser de pelo menos 50 MW, porém os investimentos necessários ainda não foram feitos diante da limitação regulatória. "Além de ser uma energia sustentável, que utiliza recursos renováveis e traz ganhos ambientais, ela traz ganhos econômicos", afirma Cinque. "Há uma tendência de que [a venda de energia] seja fonte importante de receitas."

A Cenibra também já experimentou esse mercado no passado. Autossuficiente até 2006, antes de executar um projeto de expansão em celulose, a companhia ofereceu 3 MW à época do apagão para a estatal mineira Cemig. Na Klabin, a nova fábrica de celulose deve mudar o status da companhia, de compradora para vendedora de energia. "A Klabin fez importantes investimentos nos últimos anos e deixou de usar combustível fóssil", conta o consultor de meio ambiente da empresa, José Oscival dos Santos. "Mas, por ter produção integrada de papel e celulose, não é autossuficiente."

Da mesma forma, a Suzano, nas fábricas paulistas, consome mais energia do que é capaz de gerar, uma vez que a fabricação de papel é intensiva no uso de energia. "O negócio de energia não pode ser separado do todo. Ele só é competitivo porque está acoplado à produção de celulose. É isso que confere eficiência ao negócio", destaca Pousada. A possibilidade de geração de energia em fábricas de celulose está associada à queima do licor preto, resíduo proveniente do cozimento da madeira, que é queimado na caldeira de recuperação, gerando vapor. Além disso, é possível aproveitar os resíduos do processo de transporte, picagem e peneiramento da madeira. Conforme levantamento da Associação Brasileira de Celulose e Papel (Bracelpa), em 2009 a matriz energética do setor era composta por licor negro (65%), biomassa (19%), gás natural (8%), óleo combustível (6%) e outros (2%).

---

## **POLÍTICA NACIONAL**

### **Etanol**

#### **A política de combustíveis e o mercado do açúcar – O Estado de São Paulo. 21/09/2012**

Empresas especializadas no agronegócio já preveem um aumento da adição do álcool anidro à gasolina, dos 20% atuais para 25%, no ano que vem. A expectativa se justifica, pois o Brasil está importando volume crescente de gasolina e diesel, em detrimento da balança comercial e da conta corrente do balanço de pagamentos.

A consultoria Datagro prevê que o superávit de açúcar no mercado global cairá à metade, entre a safra atual e a safra 2012/2013, limitando-se a 3,06 milhões de toneladas. A Organização Internacional do Açúcar estimou o superávit em 5,86 milhões de toneladas.

As projeções de oferta e demanda do mercado de açúcar e álcool são especialmente importantes para o Brasil, maior produtor mundial de açúcar, com excedente exportável estimado em 23,5 milhões de toneladas, até abril.

Em 2011, as exportações brasileiras de açúcar e etanol renderam US\$ 16,4 bilhões. Entre os primeiros oito meses de 2011 e 2012, as exportações de açúcar em bruto caíram 23,9%, de US\$ 6,8 bilhões para US\$ 5,3 bilhões; e de açúcar refinado, 31,5%, de US\$ 2,2 bilhões para US\$ 1,5 bilhão.

As condições do mercado global estão sendo avaliadas in loco pelas empresas brasileiras. Uma equipe da Datagro foi à Índia, segundo maior produtor mundial de açúcar, para visitar os canaviais atingidos pela seca - a oferta indiana poderá cair em 2,35 milhões de toneladas. Na União Europeia, os estoques diminuiram e se prevê quebra da produção, de 19,4 milhões para 18,3 milhões de toneladas. Na Rússia, maior consumidora do açúcar brasileiro, também está prevista a redução da oferta. O superávit só não cairá mais porque se prevê uma elevação da produção da China, de 11,5 milhões para 13,7 milhões de toneladas.

No Brasil, entre abril e setembro, conforme as projeções da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), houve aumento da produção e da moagem (+1,87%). O clima seco favoreceu a produtividade das lavouras no Centro-Sul.

A oferta de álcool tenderá, portanto, a aumentar, o que já tem ocorrido. Se isso se confirmar, os produtores de cana poderão socorrer a Petrobrás. Como afirmou ao jornal Valor o presidente da Datagro, Plínio Nastari, "se o retorno se confirmar, a demanda pelo biocombustível (álcool) crescerá 2 bilhões de litros e pressionará menos a commodity (açúcar)".

O etanol deverá ser favorecido pelo aumento da demanda norte-americana, mas é improvável que haja produto suficiente no Brasil para exportar.

---

Publicado regulamento de subvenção de cana – Site da CONAB. 25/09/2012

O Regulamento Operacional do Programa de Subvenção aos Produtores de Cana-de-Açúcar que desenvolvem sua atividade na área de atuação da Sudene e no estado do Rio de Janeiro, referente à safra de 2010/2011, foi publicado nesta segunda-feira (24) no Diário Oficial da União.

O documento estabelece condições para o pagamento da subvenção econômica diretamente aos produtores rurais independentes de cana-de-açúcar que atuam nas regiões citadas. A subvenção será no valor fixo de R\$ 5,00 por tonelada de cana-de-açúcar, limitado a 10.000 toneladas por produtor.

São beneficiários os produtores que efetivaram a entrega da cana-de-açúcar, mediante comprovação por meio das notas fiscais, no período de 1º de maio de 2010 a 30 de abril de 2011, para os produtores localizados no estado do Rio de Janeiro; e 1º de agosto de 2010 a 31 de julho de 2011, para os produtores localizados nas áreas de atuação da Sudene.

Os produtores tem até o dia 23/11/2012 para entregar a solicitação do pagamento na Superintendência Regional da Conab no estado em que a cana-de-açúcar foi industrializada e a Estatal terá até o dia 26/12/2012, para efetuar o pagamento, por ordem cronológica, do protocolo de entrada da documentação comprobatória na Companhia.

Mais informações no link :

<http://www.in.gov.br/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=19&data=24/09/2012>

---

## **Biodiesel**

### **Ministro participa da inauguração da fábrica Palmaplan. Site do MDA. 06/09/2012**

O ministro do Desenvolvimento Agrário, Pepe Vargas, participa nesta segunda-feira (10) da inauguração da fábrica da Palmaplan, em Rorainópolis/RR. A empresa, do Rio Grande do Sul, se instalou em Roraima para o cultivo de Palma de Óleo (dendê) e já firmou parceria com 70 famílias de Assentados da Reforma Agrária, das quais 46 possuem contratos protocolados para aquisição do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) Eco Dendê. O ministro vai ao estado anunciar o Plano Safra para Agricultura Familiar 2012/2013.

O coordenador geral de biocombustível da Secretaria de Agricultura Familiar do Ministério do Desenvolvimento Agrário (SAF/MDA), André Machado, conta que o ministério tem apoiado todas as ações relacionadas à inclusão dos agricultores familiares no programa da palma de óleo. “É uma iniciativa positiva, pois é a única empresa controlada por produtora de biodiesel no estado. É uma garantia de renda para os agricultores, um arranjo diferente, que nunca existiu em Roraima”, afirma.

A Palmaplan possui 1,5 mil hectares plantados de palma de óleo em Roraima. Desse total, 500 foram cultivados em parceria com agricultores familiares da região. A previsão é chegar a 15 mil nos próximos oito anos, sendo seis mil em conjunto com a agricultura familiar. Essa sociedade é capaz de gerar, hoje, 126 empregos diretos. Com a ampliação, esse número cresce para dois mil e inclui mais 1,2 mil agricultores familiares.

A região Norte possui a maior área zoneada para produção de palma de óleo e o estado de Roraima é apontado como uma das melhores regiões em razão do clima. São mais de 404 mil hectares de área zoneada para a cultura do dendê.

Outra parceria da empresa com o MDA foi firmada em 2011 para a comercialização de castanha do Brasil pelo Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). A Palmaplan garantiu a compra de 119 fornecedores da Associação do Povo Indígena Wai-Wai Xaary. Ao todo, foram mais de 191 mil quilos de castanha, totalizando R\$ 191 mil.

---

#### **MDA publica portaria com novas regras do Selo Combustível Social. Site do MDA. 10/09/2012**

Foi publicada, nesta segunda-feira (10), nova portaria do MDA que dispõe sobre os critérios e procedimentos relativos à concessão, manutenção e uso do Selo Combustível Social, em substituição à Instrução Normativa nº 01 de 19 de fevereiro de 2009. As novas regras, buscam reforçar pontos positivos do Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel, traduzindo melhor as potencialidades regionais de fornecimento de matéria-prima, o incentivo à diversificação de oleaginosas e o fortalecimento da organização econômica da agricultura familiar. Além disso, o novo texto qualifica e detalha dispositivos do normativo anterior, procurando aproveitar a experiência acumulada no relacionamento entre todos os atores envolvidos desde 2009.

Contando com a participação social para sua construção, as alterações que constam da Portaria nº 60 de 6 de setembro de 2012, são resultado de consulta pública realizada pelo MDA no fim do ano passado e de uma série de audiências com empresas produtoras de biodiesel, agricultores familiares, cooperativas da agricultura familiar e suas entidades representativas.

“O MDA buscou conciliar as críticas e sugestões das empresas detentoras do Selo Combustível Social e dos agricultores familiares participantes do programa em todo o País, e traduzir, com isso, as especificidades dos arranjos produtivos do Selo Combustível Social das diferentes regiões do Brasil”, explica o coordenador-geral de Biocombustíveis do ministério, André Machado. Ainda segundo ele, “alguns dispositivos da antiga normativa foram qualificados e melhor detalhados, procurando conferir maior transparência e maior facilidade nos trabalhos, tanto do setor privado quanto do governo”.

As principais alterações na nova portaria são:

Aumento do percentual mínimo de aquisições da agricultura familiar na Região Sul de 30% para 35% (já na safra 2012/2013) e para 40% (a partir da safra 2013/2014);

Aumento do multiplicador para diversificação de matérias-primas de 1,5 para 2;

Criação de multiplicadores para incentivar aquisições de cooperativas da agricultura familiar (de 1,2) e aquisições das Regiões Nordeste e Semiárido (de 2);

Autorização para habilitação de cooperativas que contenham no mínimo 60% do seu quadro de cooperados composto de agricultores familiares detentores da DAP, desde que elas atendam as mesmas regras de participação das cooperativas do agricultor familiar no Programa Nacional de Produção de Uso do Biodiesel (PNPB), dispostas na Instrução Normativa nº 01 de 20 de junho de 2011;

Ampliação dos itens componentes do custo de aquisição da agricultura familiar, permitindo-se às empresas a contabilização para o Selo Combustível Social, de doações de máquinas, equipamentos e benfeitorias para a agricultura familiar, assim como os gastos realizados com pesquisas agropecuárias relacionadas à diversificação de matérias-primas para o programa;

Incentivos para que as empresas detentoras do Selo Combustível Social assegurem assistência técnica durante todo o ano e para outras atividades do estabelecimento do agricultor familiar contratado para fornecimento de matéria-prima;

Maior detalhamento das regras para contratação de culturas perenes e para comprovação de frustração de safra;

Maior detalhamento das regras de concessão, manutenção, renovação, perda de validade e cancelamento do Selo Combustível Social.

As novas regras passam a valer já para a safra 2012/2013 e, portanto, já serão aplicadas nas novas concessões de uso a partir da presente data e nas avaliações de manutenção do uso do Selo Combustível Social no ano civil de 2013.

---

### **Programa de biodiesel beneficia mais de 105 mil famílias. Site do MDA. 14/09/2012**

Roberto Vasconcelos planta soja há mais de 20 anos em Indápolis, distrito de Dourados, em Mato Grosso do Sul. Ele e mais de 105 mil famílias em todo o Brasil contribuem e são beneficiados com o Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB), uma iniciativa interministerial, criada em 2004, que atribui ao Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) a responsabilidade de operacionalizar a inclusão produtiva e qualificada dos agricultores familiares na produção do biodiesel.

As espécies vegetais utilizadas e com potencial para a produção do combustível renovável são soja, dendê, mamona, girassol, canola e gergelim, entre outras. É a soja que Roberto planta e comercializa, a fim de melhorar a renda e ajudar a esposa e os três filhos, todos estudantes. “Estou na agricultura familiar há mais de 20 anos, é uma

herança do meu pai. Ele plantava e eu, aos 16 anos, comecei a plantar, também”, lembra o produtor, que tem a ajuda de outros agricultores em sua produção. “Uma vez ou outra, minha esposa dá uma mão na hora do plantio”, completa.

Roberto Vasconcelos é, ainda, presidente da Associação dos Produtores Rurais da Agricultura Familiar do município de Indápolis e região (Aproaf). “É uma associação pequena”, diz o agricultor, que há dois anos planta soja especificamente para empresas que produzem biodiesel. Ele explica que vende seu produto para cinco empresas – duas produzem o combustível. “Temos um bônus em cima do valor da venda, quando a empresa utiliza a nossa soja para o biodiesel”, comemora o produtor.

#### Números

Dados de 2011 mostram que a agricultura familiar foi beneficiada por quase 70% de usinas em todo o Brasil, que produziram 2,5 bilhões de litros/ano. Para isso, foi utilizado 1,9 milhão de toneladas de matéria-prima da agricultura familiar. “O agricultor familiar que participa do programa tem acesso garantido ao mercado, apoio total da indústria e garantia de renda ao final da safra”, considera o coordenador-geral de Biocombustíveis da Secretaria de Agricultura Familiar do MDA, André Grossi Machado. “O agricultor tem um contrato com a usina que paga o preço de mercado e garante um preço mínimo do produto para ele”, pondera.

A Região Centro-Oeste, onde fica o município de Roberto, possui 19 usinas produtoras e detentoras do Selo Combustível Social, que confere à empresa o status de promotor da inclusão social da agricultura familiar.

#### Sobre o Biodiesel

O Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB) visa promover a produção e uso do novo combustível em diversas regiões, a inclusão social e o desenvolvimento regional, gerando emprego e renda para o agricultor familiar.

O Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) concede o Selo de Combustível Social aos produtores de biodiesel que geram essa inclusão social aos agricultores familiares e possibilitam a eles acesso a melhores condições de comercialização do biodiesel e alíquotas reduzidas do Programa de Integração Social (PIS/Pasep) e de Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins).

---

## RELAÇÕES INTERNACIONAIS

### Etanol

#### **Pesquisadores da Embrapa Agroenergia viajam à Austrália – Site do MAPA. 09/09/2012**

Encontro discutiu parceria e temas como uso eficiente de água na agricultura, cana-de-açúcar e palmeiras produtoras de óleo

O chefe-geral da Embrapa Agroenergia, Manoel Souza Júnior, e dois pesquisadores da empresa, viajaram à Austrália e reuniram-se com equipes do CSIRO (*Commonwealth Scientific and Industrial Research Organisation*). A Embrapa e o centro de pesquisa australiano trabalham, em conjunto, temas como o uso eficiente de água na agricultura, cana-de-açúcar e palmeiras produtoras de óleo.

Segundo Manoel Souza Júnior, uma das áreas em que as organizações dos dois países pretendem atuar é no uso de ferramentas biotecnológicas para aperfeiçoar o uso racional da água em culturas agrícolas. Segundo ele esse é um tema muito relevante atualmente, inserido no contexto da sustentabilidade.

As equipes envolvidas decidiram também pelo investimento na parceria de estudos nos campos da genômica, bioinformática e seleção genômica, com foco no aumento da biomassa da cana-de-açúcar. A ideia é o desenvolvimento de estratégias mais eficientes de identificação de genes que podem no futuro ser empregado nos programas de melhoramento genético de ambas as instituições.

---

### **Petróleo caro "blinda" uso de etanol de milho nos EUA. Fabiana Batista – Valor Econômico. 18/09/2012**

*"Continuará havendo uma forte demanda por etanol, não importa onde for produzido, enquanto o petróleo continuar em alta"*

Em tempos de preços altos do petróleo, usar um percentual de etanol na gasolina representa um bom negócio. E é por isso que, a despeito de toda a avalanche de críticas que recai sobre o uso de milho para produção do biocombustível, esse mercado nos Estados Unidos deve seguir firme.

É o que diz Bruce Babcock, diretor-executivo do Centro para a Agricultura e Desenvolvimento (CARD, na sigla em inglês) da Universidade de Iowa. Posicionado no "coração" do cinturão do milho americano, o especialista acredita que a robustez do mercado de etanol se estenderá ao Brasil e a qualquer outro lugar do mundo onde o bicomcombustível for produzido. "Basta dizer que continuará havendo uma forte demanda por etanol, não importa onde for produzido, enquanto o preço do petróleo continuar em alta", completa.

No curto prazo, acrescenta Babcock, a força do mercado de etanol nos Estados Unidos, amplificada pela quebra da safra de milho no país em decorrência das perdas provocadas pela mais severa estiagem no país em pelo menos 50 anos, também deverá puxar a produção do cereal no Brasil. "Certamente, a próxima colheita do grão no Brasil será muito demandada para importação".

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) estima que a indústria de etanol daquele país vai usar nesta safra 2012/13 em torno de 114 milhões de toneladas de milho, ou 42% da colheita esperada. Na temporada passada (2011/12), a indústria do biocombustível abocanhou 40% da produção, ou 127 milhões de toneladas.

Em entrevista concedida ao Valor uma semana antes de chegar ao Brasil para participar do "Global Agribusiness Forum", evento que será realizado em São Paulo, Babcock

afirma que neste momento, nos EUA, as companhias de petróleo - que, em sua maior parte, também atuam como misturadoras - têm percebido que um blend de 10% de etanol na gasolina tem sentido econômico. "Por isso, essas empresas não vão desistir facilmente da grande fatia de milho da safra americana que utilizam", diz.

Assim, continua ele, apesar de toda a pressão das indústrias de alimentos e rações, e também de exportadores de grãos, a produção de etanol de milho no país não deverá declinar. A "preferência" da indústria misturadora por etanol deve equilibrar forças na briga pela oferta de milho entre os mais diferentes setores consumidores do grão. Deve também conter o avanço de movimentos que querem pôr fim ao uso de alimentos na produção do biocombustível".

Sobre as oportunidades para o Brasil, o diretor do CARD afirma que o país continuará com papel relevante no suprimento de etanol ao mercado americano, sobretudo dentro da cota de biocombustíveis avançados, na qual apenas o etanol de cana brasileiro se encaixa nos critérios determinados pela Agência de Proteção Ambiental americana (EPA, na sigla em inglês).

No entanto, ele observa que há dúvidas sobre o excedente exportável que o Brasil terá para atender a essa demanda nos próximos anos (ver matéria ao lado). "O grande crescimento da frota de veículos flex fuel indica que a demanda potencial do Brasil por etanol vai superar a oferta nos próximos anos", calcula Babcock. De qualquer forma, ele diz ser difícil prever quando o mercado de exportação será um destino mais atrativo ao etanol brasileiro.

Em 2007, o Brasil assistiu a um verdadeiro boom de investimentos em novas plantas de etanol para atender ao fundamento "certo" de que haveria um grande mercado para a exportação do biocombustível, sobretudo nos Estados Unidos. Mas o fato é que o fluxo de comércio do biocombustível entre os dois países, tradicionalmente instável, inverteu a mão e o Brasil é que passou a elevar a importação do produto americano.

Depois de atingir mais de 4 bilhões de litros em 2008, as exportações de etanol do Brasil a todos os destinos recuaram para níveis próximos de 1 bilhão de litros. Neste ano-safra, que vai até março do ano que vem, deve atingir, segundo estimativas do mercado, a marca de 2,5 bilhões de litros, uma boa parcela aos Estados Unidos.

Esse mercado seguirá vigoroso em terras americanas nos próximos anos, segundo o diretor do CARD, especialmente se o presidente Obama for reeleito. "Ele é um forte apoiador dos biocombustíveis e as políticas americanas não tendem a mudar significativamente se ele continuar como presidente", diz Babcock.

No que tange ao programa de etanol, há pouco que os Estados Unidos possam fazer para atravessar esse ano de escassez de milho, segundo ele. E os cenários parecem pouco prováveis. "Ou [o país] renuncia ao mandato de etanol, ou entra em uma política de banimento de exportações de grãos para reduzir os preços internos. Mas considero remotas as chances de os Estados Unidos seguirem outros países que têm adotado o banimento de exportação, como Rússia, China e Índia", avalia Babcock.

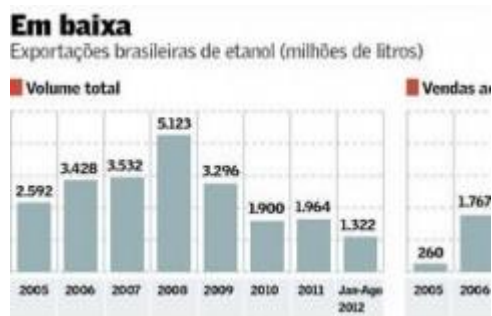
---

**Exportação de etanol ao Caribe definha. Fabiana Batista – Valor Econômico. 26/09/2012**



Por alguns anos, a melhor alternativa das usinas brasileiras para fugir das barreiras à importação de etanol impostas pelos Estados Unidos era exportar o biocombustível para o país via Caribe e América Central. Mas esse caminho perdeu grande parte do sentido com o fim da tarifa de importação americana, em janeiro deste ano. Beneficiados por acordos que os isentam de tarifas na venda ao mercado dos EUA, mercados caribenhos ou centro-americanos chegaram a ter uma capacidade conjunta de reprocessamento de 3,1 bilhões de litros de etanol hidratado, agora reduzida a pouco menos de 1 bilhão, de acordo com estimativas do mercado.

Durante o período de vigência da tarifa americana de importação, de 54 centavos de dólar por galão (3,785 litros), a viabilidade econômica da exportação e desidratação do etanol no Caribe e na América Central tinha como base a diferença de preços (spread) entre o hidratado e o anidro no Brasil, historicamente em torno de 12% a 15%. Isso porque o custo total de se levar esse etanol do Brasil até esses países fica entre 60 e 65 centavos de dólar por galão (frete, seguros e reprocessamento) - ou seja, praticamente o mesmo valor da tarifa.



Agora, com o fim da taxa americana, esse spread precisa ser bem superior a 12% para compensar a desidratação e o reembarque aos EUA a preços competitivos. Há dois meses, isso até aconteceu, dizem especialistas. A diferença de preço entre os dois tipos de etanol no Brasil chegou a 24% e alguns negócios voltaram a ser fechados. Segundo estimativas do mercado, um volume de 350 milhões de litros de hidratado deve ser embarcado aos países do Caribe e da América Central para desidratação e posterior exportação aos Estados Unidos nesta temporada 2012/13.

em média, os importadores pagaram este ano às usinas no Brasil US\$ 30 por metro cúbico de etanol hidratado, acima da remuneração naquele momento no mercado doméstico brasileiro - o equivalente a R\$ 0,06 por litro.

Mas o fato é que esse mercado agora passou a ser conhecido como "liga e desliga", uma vez que as janelas de oportunidades de negócio tendem a abrir e a fechar muito rapidamente. Por isso, apenas três das nove plantas de desidratação das duas regiões ainda estão operando, segundo estimativas do mercado. Tecnicamente, a desidratação significa retirar 5% de água do etanol hidratado, que tem um teor alcoólico de 95,1% nas especificações brasileiras.

A maior parte dos investimentos nessas unidades industriais foi feito por grupos locais, em parceria com governo. Em 2008, auge da operação de desidratação, havia três unidades na Jamaica, duas em El Salvador, duas em Trinidad e Tobago, uma na Costa

Rica e outra na ilha de Saint Croix (mar do Caribe) - os países do Caribe são beneficiados pela Iniciativa da Bacia do Caribe (Caribbean Basin Initiative) e El Salvador, pelo Cafta (Acordo de Livre Comércio com a América Central). Ambos isentam essas regiões de tarifas de importação no mercado americano.

Algumas tradings de etanol do Brasil apenas arrendaram unidades locais para garantir a transformação de etanol hidratado em anidro e reexportar sem tarifa aos Estados Unidos. A exceção foi a extinta trading Cristalsev, que investiu numa planta de desidratação em El Salvador em parceria com a Compañía Azucarera Salvadoreña SA.

Ocorre que o mercado não acreditava que a tarifa de importação americana poderia não ser renovada, diz um especialista. "Algumas unidades foram inauguradas seis meses antes de expirar o imposto de importação dos Estados Unidos", recorda.

Assim como as exportações brasileiras de etanol, a operação de "desidratação" do hidratado brasileiro via Caribe e América Central para reembarque aos EUA sempre oscilou. Mas atingiu seu auge em 2008, quando do total de 5,1 bilhões de litros de etanol exportados pelo Brasil, 1,1 bilhão foram para esses países, conforme informações do Ministério da Agricultura, com base em dados da Secex/MDIC.

---